

MANUSCRITOS DO MODERNISTA LUÍS ARANHA

MARCIA REGINA JASCHKE MACHADO

EQUIPE MÁRIO DE ANDRADE

INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS/USP

RESUMO

A observação da série "Manuscritos de vários escritores", no Arquivo de Mário de Andrade, mostra não apenas textos de muitos brasileiros e de alguns estrangeiros, produzidos entre 1917 e 1945, contendo, nas rasuras, marcas do processo criativo desses mesmos textos, mas revela, nas notas de margem deixadas pelo autor de Macunaíma, determinados passos de trabalhos seus de crítica literária. Ambas as intervenções, que enriquecem e particularizam este conjunto documental, podem ser testemunhadas no manuscrito Cocktail do poeta modernista Luís Aranha.

RÉSUMÉ

La série "Manuscrits de plusieurs écrivains", dans l'Archive de Mário de Andrade, est composée de textes de plusieurs brésiliens et de quelques étrangers, produits entre 1917 et 1945. L'observation montre, dans les ratures, les marques du processus créative de ses

mêmes textes et relève, dans les bordures laissée par l'auteur de Macunaíma, quelques pas de ses travaux de critique littéraire. Les deux interventions, qu'enrichisse et particularise cette ensemble documentaire, peuvent être attesté dans le manuscrite Cocktail du poète moderniste Luís Aranha.

ABSTRACT

The observation of the "Manuscripts series of several writers", in the Mário de Andrade Archive, shows not only texts of many Brazilian and foreign writers, produced since 1917 until 1945, with signs of the creative process in the changes made in the text; but reveals also, in the marginal appointments left by the Macunaíma's author, steps of his work on literary criticism. Both interventions, which make rich and particularize this documental set, can be confirmed in the Cocktail manuscript of the modernist poet Luís Aranha.

MANUSCRITOS NO ARQUIVO MÁRIO DE ANDRADE

a preocupação em preservar a memória da produção cultural de seu tempo foi o que impulsionou Mário de Andrade a constituir ao longo da vida um arquivo particular, composto de substancial documentação. Ao lado da biblioteca e da coleção de artes visuais, tal documentação integra hoje o rico acervo do autor de *Macunaíma*, no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

Dentre as diversas séries que compõem o arquivo, está aquela que abrange os manuscritos de diversos escritores brasileiros e de alguns estrangeiros, nomes consagrados e bissextos. Em seu empenho de preservação desse material, Mário se mostrou, mais do que um colecionador, o intelectual interessado na salvaguarda de documentos vinculados à criação literária, sobretudo do modernismo. A maioria dos documentos toca também seu relacionamento com poetas e prosadores.

No conjunto documental "Manuscritos de vários escritores" três vertentes se dão a conhecer, todas elas dizendo respeito à defesa do patrimônio escrito. A primeira e a mais antiga põem em cena o colecionador visando à posse que lhe dá prazer: o texto raro ou o que recolheu para salvar do desaparecimento; a segunda envolve o diálogo com os companheiros modernistas; e a terceira, a interlocução com os jovens que procuravam a leitura de Mário de Andrade mentor.

A primeira vertente, a mais antiga, marca em 1917, provavelmente, o início deste conjunto de manuscritos. É o ano da morte de Carlos Augusto de Andrade, pai de Mário e autor da peça *A mão da caridade*, autógrafo a lápis preto, sem data. Nessa vertente se destacam a cópia à tinta do soneto *Factum*, na letra de Alphonsus de Guimaraens, e os presentes recebidos de contemporâneos como Rachel de Queiroz, Lúcio Cardoso ou José Lins do Rego, cadernos com uma versão autógrafa de *As três Marias*, *A luz no sub-solo* e *Riacho Doce*, respectivamente.

A segunda vertente testemunha a discussão do artefazer em um plano de proximidade, com Bandeira, Drummond ou Prudente de Moraes Neto, e, ao mesmo tempo, a marcha do modernismo entre 1922 e 1928, 1929. A terceira oferece a produção de nomes, mais tarde significativos, que então despontavam, como Murilo Rubião.

Excetuada a primeira vertente, as anotações marginais vindas da leitura de Mário aparecem com frequência. São traços à margem ou linhas sublinhando trechos e comentários que materializam o diálogo com os escritores, incumbindo-se ainda de somar, à memória dos textos, a parcela da sua crítica. A discussão nascida nas margens muitas vezes se prolonga na correspondência desse fecundo missivista. É portanto na margem dos textos que se encontram registrados passos de uma análise minuciosa, tendo na mira obras em pleno processo de elaboração literária.

Foi assim que Mário teve a possibilidade de reunir 269 títulos, entre poesia, ficção e textos de crítica, manuscritos que vão de 1917 até 1945, quando faleceu. Em sua casa, na rua Lopes Chaves, ficavam guardados na parte inferior da estante localizada no hall de distribuição do andar superior.¹

A série "Manuscritos de vários escritores", que conta inclusive com inéditos, além de se situar no plano dos relacionamentos na vida literária, testemunha o processo de criação de muitas obras, incluindo também os primeiros momentos do trabalho em artigos e ensaios desse especial colecionador. Revela versões de poemas, romances, contos e estudos, preciosas para a crítica genética e a crítica textual.

O MODERNISTA LUÍS ARANHA

Luís Aranha Pereira (1901-1987), modernista de primeira água, é um dos escritores presentes na série. Conheceu Mário de Andrade em 1921, dele se avizinando quando o artigo de Oswald de Andrade, "Meu poeta futurista",² trouxe para o autor de *Paulicéia desvairada* o repúdio do *status quo* e a admiração dos renovadores. Luís Aranha, ao lado de outros modernistas que depois se consagraram, subiu ao palco do Teatro Municipal em fevereiro de 1922. Estabeleceu com Mário um fecundo vínculo intelectual, apoiado na preparação da Semana de Arte Moderna e da revista *Klaxon*, em 1922, bem como em cartas e na discussão dos poemas que escrevia. Confiou-lhe o manuscrito de um livro de poemas intitulado

-
1. Depoimento de Telê Ancona Lopez participante do projeto coordenado pelo prof. dr. Antonio Candido de Mello e Souza, que realizou o tombamento da biblioteca e da marginália de Mário de Andrade, na casa do escritor. FFLCH-USP/Fapesp, 1963-1968.
 2. Andrade, Oswald de. "O meu poeta futurista". In Brito, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro: Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. São Paulo, Saraiva, 1958, p. 199-200.

Cocktail, guardado em uma pasta improvisada com a capa impressa do programa da Semana de Arte Moderna.

Deixando no avesso o desenho de Di Cavalcanti e os dizeres referentes ao festival modernista, Luís Aranha esboçou a lápis preto a capa de *Cocktail* (no singular), manuscrito que reúne 22 textos em datiloscrito esmerado, acrescido das notas da leitura do amigo modernista. As notas apontam, no diálogo nas margens, o primeiro momento de “Luís Aranha ou a poesia preparatoriana”, ensaio publicado pela primeira vez na *Revista Nova*, nº 7, São Paulo, em 15 de junho de 1932 e, mais tarde, em *Aspectos da literatura brasileira*, nas Obras Completas pela Livraria Martins Editora. No ensaio, Mário se reporta ao recebimento do manuscrito: “Enfim já no acabar desse ano de 1922, o poeta me aparecia com um livro a que, pelos cacoetes da época, dera o nome de *Cocktails*. [...] Seriam uns dez poemas talvez, e nas suas idas e vindas entre mim e Luís Aranha apenas me sobraram quatro”.³

O fato de existirem no arquivo Mário de Andrade 22 e não quatro poemas de Aranha não é relevante, pois em 1932 o total dos textos poderia não estar à mão do ensaísta. O que importa é a possibilidade de ser constatada, mais uma vez na correspondência passiva de Mário, a presença do diálogo em torno da criação de companheiros escritores. Em carta não datada, mas que se coloca no momento da organização do número 3 de *Klaxon*, sendo, portanto, anterior ao dia 15 de julho de 1922, marcado nesse número da revista do modernismo paulistano, Luís Aranha tratava do expediente e de uma nova redação de seu poema “Paulicéia desvairada”. O número anterior, em 15 de junho, estampara “Aeroplano”, poesia de sua lavra valorizando a velocidade, o mundo moderno. Ao reescrever “Paulicéia desvairada”, versos suscitados pelo

3. Andrade, Mário de. “Luís Aranha ou a poesia preparatoriana”. In *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora, 1974, p. 73.

livro de Mário, acatava a leitura do amigo: "Vou alterar o que disseste, respeitando o que mandaste conservar".⁴

Esse poema, que veio no nº 4 de *Klaxon*, portanto em agosto do mesmo ano, foi sucedido por "Crepúsculo", no nº 6, em outubro, e por "Projetos", no nº 8-9, o último do periódico, datado de dezembro 1922/janeiro 1923. Os quatro textos não fazem parte do manuscrito de *Cocktail* e chegaram, ao que se pode concluir, às mãos de Mário antes desse conjunto ser a ele remetido no final de 1922. Voltaram para o poeta – provavelmente com sugestões à margem –, que os emendou e encaminhou à revista, onde saíram, desaparecendo os originais. Ao que se entende, o manuscrito *Cocktail*, que guarda "Poema giratório", "Drogaria de éter e de sombra", "Poema Pitágoras" e outros analisados em "Luís Aranha ou a poesia preparatoriana", foi recebido antes de Aranha se transferir para Cândido Mota. Na carta que de lá ele endereça ao amigo, em 7 de março de 1923, encontram-se apenas notícias do início da carreira jurídica e das obras que lia, sem qualquer menção aos textos. A discussão não se consumou, pois Luís Aranha só conheceu a análise de Mário dez anos depois, na *Revista Nova*. Então, em carta de dezembro de 1932, postada no Rio, onde trabalhava desde 1929 no Ministério das Relações Exteriores, agradeceu ao crítico o estudo sobre a "poesia preparatoriana", contando-lhe ter esboçado uma resposta que se perdera no tumulto da Revolução. Contentou-se em solidarizar-se com os paulistas e participar, com alegria, seu casamento em breve com Dulce Lage.

Fora de *Klaxon* Luís Aranha nada mais publicou diretamente, embora suas cartas a Mário o mostrem fazendo poesia, até 1932. Preferiu se dedicar primeiro à magistratura e depois à diplomacia, escolhendo a condição de brilhante bissexto. Em

4. Carta de Luís Aranha a Mário de Andrade; data atestada: [São Paulo, ant. 15 jul. 1922]. Correspondência passiva. Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP.

1923 foi mencionado em “L’effort intellectuel du Brésil contemporain”, conferência que Oswald de Andrade pronunciou na Sorbonne, em Paris, sendo publicada na *Révue de l’Amérique Latine* em julho e traduzida para a *Revista do Brasil*, no mesmo ano. Sérgio Milliet o apresentou e traduziu, assim como outros modernistas, ainda em 1923, dezembro, na mesma revista francesa, na seção Lettres Brésiliennes. No artigo “La vie littéraire: Les lettres brésiliennes. La poésie moderne au Brésil”, a poesia de Luís Aranha, “Crepúsculo”, vem ao lado de poesias de Mário de Andrade, Guilherme e Tácito de Almeida, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia e Couto de Barros. Mário, em seu ensaio “Luís Aranha ou a poesia preparatoriana”, encarregou-se de divulgar na íntegra os textos de “O vento”, “Vagalume”, “Estelário”, “Epigrama à lua”, “Canção de um louco”, “Poema pneumático”, “Passeio”, “Minha amada”, “Telegrama”, bem como o longo “Poema giratório”, citando também versos de “O trem”, “A ponte”, “O túnel”, “Drogaria de éter e de sombra” e do “Poema Pitágoras”. Manuel Bandeira o colocou na *Antologia dos poetas bissextos* e Mário da Silva Brito na coletânea *Poetas paulistas da Semana de Arte Moderna*. Valorizado pela crítica como um poeta que sabe explorar a associação de imagens e que sublinha seu vínculo com a civilização industrial, o projetado livro *Cocktails*, no entanto, somente se concretizou na edição organizada por Nelson Ascher e Rui Moreira Leite em 1984 (Brasiliense), precedida de um arguto estudo que apresenta os caminhos desse importante modernista da primeira hora.

AS NOTAS MARGINAIS NOS
MANUSCRITOS DE LUÍS ARANHA

As anotações nas margens da maior parte dos textos e fólios do manuscrito de Luís Aranha apontam para duas leituras

distintas. A primeira, antes da oferta ao amigo, a leitura do próprio poeta, caracteriza-se por escassas e tímidas rasuras a lápis preto, marcando a retomada da escritura em acréscimos e correções. A segunda significa a contribuição do crítico e amigo que salvaguardou o documento em seu arquivo, ou seja, sua análise a lápis preto e vermelho.

As observações de Mário de Andrade atendem a dois propósitos e revelam dois momentos de trabalho. No primeiro momento, o lápis preto fixa as primeiras observações de cunho crítico, tecidas na esfera da privacidade. Na certeza de não se tornarem públicas ou de serem lidas apenas por Luís Aranha, foram elaboradas com a franqueza necessária do mentor preocupado com as inovações literárias do momento e do amigo que dispensava formalidades. Assim se mostra o comentário à margem do poema “Minha amada”:

Não há rapidez nenhuma que elimine aqui o te. Cuidado!
É preciso saber sempre onde canta o galo. E tu, que
desempenhas pelos teus livros as cataratas, insecáveis
helas!, dos teus pronomes, artigos e penduricalhos
indecentes, bem podes aumentar aqui o te que falta.⁵

Apesar da dureza, visava unicamente o aprimoramento técnico do escritor, como explica o crítico em “Luís Aranha ou a poesia preparatoriana”:

Me envaideço mesmo de ter de alguma forma
provocado o aparecimento do Luís Aranha original. O
maltratava com uma crítica exasperada que não
perdoava senões, e blagueva, desprezando, sobre o
excesso de “uns” e possessivos gálicos nos versos dele.

5. Nota MA “(1)” do poema “Minha amada”. Documento na série “Manuscritos de vários escritores”. Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP.

Depois o levava de viagem pelas minhas inquietações sobre o conceito de Poesia como arte e sobre a natureza psicológica do lirismo.⁶

No segundo momento, traços verticais e grifos a lápis vermelho destacam trechos, assim como palavras e frases, a serem citados no ensaio destinado à *Revista Nova*. O lápis vermelho, de acordo com o código de cores de Mário, escolhia matéria a ser utilizada em publicação, ao contrário do azul, que sinalizava descarte. Equivalem à releitura dentro do processo criativo do estudo “Luís Aranha ou a poesia preparatoriana”, que soma também lembretes a lápis preto, atinentes ao uso dos trechos salientados, como “citar até aqui”, “este verso não”. Um deles, “citar sem as correções a lápis”, toma o próprio comentário.⁷

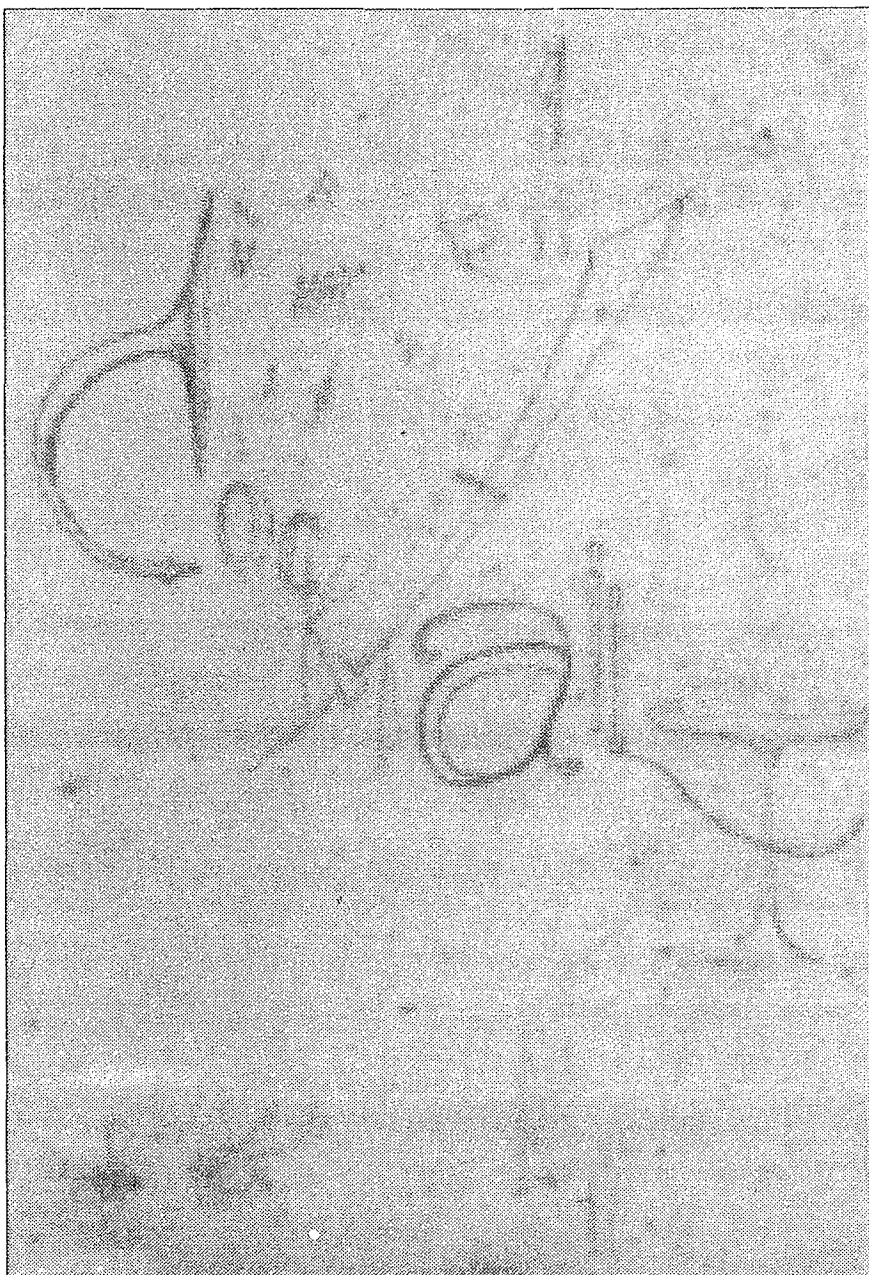
Dez anos separam as duas leituras do crítico. Ao que se observa, os comentários registrados no primeiro momento chegaram ao ensaio amadurecidos. A correspondência mostra o papel das leituras formando o gosto e o estilo do jovem poeta que assim escreve a Mário em 7 de março de 1923: “Vem ao caso lembrar a dedicatória que puseste no *Du monde entier*.⁸ ‘Saiba você que na realização dos ideais vem às vezes um lusco-fusco talvez um crepúsculo; tudo está em que venha depois uma noite estrelada de luar’...”. Já na primeira leitura dos manuscritos Mário de Andrade observara a presença do poeta francês, em “Minha amada”: “imitação de Cendrars, antes mimetismo. Transportaste tua personalidade para dentro da personalidade de Cendrars – o que é um aviso, e não impede

6. Andrade, Mário de. “Luís Aranha ou a poesia preparatoriana”. In *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora, 1974, p. 58.

7. As duas primeiras observações estão registradas no manuscrito de “Drogaria de éter e de sombra” e a terceira em “Minha amada”.

8. Carta de Luís Aranha a Mário de Andrade. Correspondência passiva. Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP.

que conserves, aqui, este verso".⁹ O assunto é retomado no ensaio sobre a "poesia preparatoriana", lembrando da cumplicidade na admiração pelo poeta francês que se tornara principal influência na construção das imagens em Aranha:



Luís Aranha
Projeto da capa de *Cocktail*

9. Nota MA abaixo do último verso do poema "Minha amada". Documento na série Manuscritos de vários escritores. Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP.

Datiloscrito do poema
"Telegrama"

Os livros de Blaise Cendrars, de Max Jacob, de Apollinaire, de Cocteau que então estavam me chegando, muitas vezes era Luís Aranha quem os devorava primeiro – o que não deixava secretamente de me despeitar.

Até hoje não me sinto em condições de perdoar a ele, o ter afirmado antes de mim a excelência do *Du Monde Entier*. Blaise Cendrars explodiu de madrugada em nós. Pra Luís Aranha foi decisivo, pois dum passo do *Du Monde Entier*, em que o poeta se entrega sem mais controle intelectual nenhum à associação de imagens, Luís Aranha faz agora o princípio básico de sua poética.¹⁰

Assim, muitas das impressões da primeira leitura dos manuscritos registradas por Mário de Andrade ganharam nova forma textual em “Luís Aranha ou a poesia preparatoriana”. Não pretendemos esgotar o assunto e sim sublinhar a existência de diferentes leituras críticas ligadas a um único manuscrito, *Cocktail*, tocando os poemas a ele pertencentes: “Drogaria de éter e de sombra”, “Poema Pitágoras”, “Poema giratório”, “Cocktail”, “Telegrama”, “Poema pneumático”, “Vigília”, “Canção de um louco”, “As patas dos cavalos”, “O trem”, “O túnel”, “O vento”, “A ponte”, “Minha amada” e “Noturno”.

No intuito de recuperar documentos nesta comemoração dos 80 anos da Semana de Arte Moderna, oferecemos aqui, em fac-símile, o projeto da capa de *Cocktail*, assim como a transcrição diplomática dos poemas “Telegrama” e “Minha amada” acompanhados das notas marginais deixadas por Mário de Andrade, ao lado de duas cartas de Aranha a ele dirigidas. As cartas mostram-se em transcrição com atualização ortográfica.

10. Andrade, Mário de. “Luís Aranha ou a poesia preparatoriana”. In *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora, 1974, p. 58.

POEMAS DE LUÍS ARANHA, 1922

"Telegramma"

Transcrição diplomática do texto e de rasura de Luís Aranha bem como das notas prévias de Mário de Andrade (Notas MA) para "Luís Aranha ou a poesia preparatoriana".

Nota MA na margem superior: "Notavel pela via-/gem feita na cabe-/ça ao entrar no posto/ telegrafico"

Vim telegraphar
Devo partir
O telegrapho bate
Na estação
Dentro das grades do elevador o empregado é prisioneiro 5
na sua cella
Manobras
S P R
163

A campainha manda um som tremido
E o chefe saccode a bandeirola 10
Apito
Os ferros gritos
Choque de vagões
Locomotiva Moloch
Na ponte lindo manto de pelles 15
Tu não morreste por ter tocado o zaimph de Tanit como Sa-
lambô
WILLIAM-FOX-FOX-TROT-William-fox-fox-trot-[William fox-fox box]
Rasura LA: acréscimo: "William fox-fox box"

Locomotiva Carpentier jogando box pelo espaço
Só dás uppercuts
Com tuas luvas de ferro 20
As campainhas das estações marcam os rounds
Teu ring é o mundo

Xuixixixixix

Poeta

Soffro a vaia da locomotiva como no Theatro Municipal 25

Nota MA: correção: maiúsculas; “T” – “M”

Diz-se impropriamente que sou futurista

Impressões[|]

Nota MA: traço à margem

Erros da geometria euclýdeana

Os trilhos não são paralelas e se encontram antes do infinito

Na porteira todos esperam 30

Lavadeira a mulher de Atlas suspende o mundo às costas

[<<“]Pede-se trazer o dinheiro certo para facilitar o troco[“(2)]

Nota MA: aspas; chamada correção no rodapé: “(2)”

Vim telegraphar

Parto pelo ultimo trem

Nota MA: grifo

Espere-me na estação [(1)] . 35

Nota MA: grifos;

chamada correção no rodapé: “(1)”

Luis Aranha

Notas MA no rodapé:

comentário: “(1) Num telegrama estas particulas cortam-se”

comentário: “(2) Si o dinheiro é certo não ha trôco.”

[São Paulo, 1922] datiloscrito cópia carbono preto; papel branco, 1 folha; 22 x 16,4 cm. Notas MA e Rasura LA a lápis preto.

“Minha amada”

Transcrição diplomática do texto de Luís Aranha e das notas prévias de Mário de Andrade (Notas MA) para “Luís Aranha ou a poesia preparatoriana”.

As Notas MA são a lápis preto. Versos foram numerados pela pesquisa de 5 em 5.

Notas MA: na margem superior: “(1) Não ha rapidez nenhuma que elimine aqui o **te**. Cui-/dado! É preciso saber sempre onde canta o galo. E tu, que desempenhas pelos teus livros as cataractas, insecáveis helas!, dos/ teus pronomes, artigos e pendu-/ricalhos indecentes, bem podes/ aumentar aqui o te que falta.”
 “(2) “A lua é um disco de gramofone... etc”
 “(citar sem as correções a/ lapis)”

Ha muito tempo que não penso em ti
 A ultima vez que [(1)] vi dançavas tango Nota MA: chamada para a margem superior: “(1)”

O Jazz-Band se contorce
 Passos de valsa Boston
 Olhos castanhos 5
Gottas de mel cheias de luz Nota MA: grifo

Tuas pupillas iam e vinham
 Como gottas de ar em nivel de alcool
 Muitas cores
 Teu rosto era a palheta de um pintor 10 Nota MA: grifo
 Teu cabelo um amontoado de pinceis Nota MA: grifo

Prismatizante
 Todas as luzes convergem sobre ti
 Havia um crystal de interferencia
 Um disco gira 15
 Teu rosto é um discò de gramophone [(2)] que se repete cem vezes
Nota MA: chamada para a margem superior: “(2)”
 mil vezes e que acaba por aborrecer

Cores primitivas
 Compostas
 Todas as cores se misturam
 Tudo é branco 20
 Teu rosto é [o] um disco de Newton Nota MA: substituição: “o”
 E tú te confundes no tom geral Nota MA: grifo

A ultima vez que te vi
 Numa folha de parra Nota MA: chave nos vs 24-5; comentário:
 “acho isto um exagêro/ em que já caí mas de que/

me penitencio. Esclarece[r] um pouco”

Eu comia um pedaço do pólo 25 Nota MA: traço à margem/
grifo no pronome

Teu coração Nota MA: traço à margem

Elle se degelava em minha mão Nota MA: traço à margem/
grifo no pronome

Eu era uma bussola Nota MA: traço à margem

Teu rosto um quadrante Nota MA: traço à margem

Uma roda 30

Uma helice

Um ventilador

Fui um discobolo

Meu disco[!] Nota MA: acréscimo sugerido:
“!”

Agora ~~tú~~ és a lua 35 Nota MA: supressão do
pronome

De tempo em tempo desapareces

Sumiste

Não estás aqui

Nem em parte alguma

E como não te amo mais 40

Vou incluir este poema no meu livro COCKTAILS

Nota MA:

grifo;

comentário:

“imitação de Cendrars, antes
mimetismo. Trans-/portaste tua
personalidade para dentro da/
personalidade de Cendrars — o que,- é
um aviso,/ e não impede que
conserves, aqui, este verso”

[São Paulo, 1922] cópia carbono preto; papel branco, 2 folhas;
22 x 16,4 cm; marcas de ferrugem na parte superior central e
direita da folha 1 e na parte superior central da folha 2.

[illegible]

Carta de Luís Aranha a Mário de Andrade – 1923

The first of these is the fact that the
 Government has not been able to secure
 the necessary funds to carry out its
 policy of non-interference in the
 internal affairs of the country.
 The second is the fact that the
 Government has not been able to secure
 the necessary funds to carry out its
 policy of non-interference in the
 internal affairs of the country.
 The third is the fact that the
 Government has not been able to secure
 the necessary funds to carry out its
 policy of non-interference in the
 internal affairs of the country.
 The fourth is the fact that the
 Government has not been able to secure
 the necessary funds to carry out its
 policy of non-interference in the
 internal affairs of the country.
 The fifth is the fact that the
 Government has not been able to secure
 the necessary funds to carry out its
 policy of non-interference in the
 internal affairs of the country.
 The sixth is the fact that the
 Government has not been able to secure
 the necessary funds to carry out its
 policy of non-interference in the
 internal affairs of the country.
 The seventh is the fact that the
 Government has not been able to secure
 the necessary funds to carry out its
 policy of non-interference in the
 internal affairs of the country.
 The eighth is the fact that the
 Government has not been able to secure
 the necessary funds to carry out its
 policy of non-interference in the
 internal affairs of the country.
 The ninth is the fact that the
 Government has not been able to secure
 the necessary funds to carry out its
 policy of non-interference in the
 internal affairs of the country.
 The tenth is the fact that the
 Government has not been able to secure
 the necessary funds to carry out its
 policy of non-interference in the
 internal affairs of the country.

CARTAS DE LUÍS ARANHA A MÁRIO DE ANDRADE

[São Paulo, ant. 15 de julho de 1922] ¹¹

Mário querido

Recebi tua carta a lápis e dei-me pressa em cumprir as tuas ordens. Mande *Klaxon*¹² para a D. Cordélia e vou hoje corrigir com o Guilherme¹³ a *Paulicéia desvairada*.¹⁴ Vou alterar o que disseste, respeitando o que mandaste conservar.

Foi pelo Sérgio Buarque de Holanda,¹⁵ em carta ao Tácito,¹⁶ que soube da recepção do Antônio Ferro.¹⁷ O Sérgio¹⁸ mandou colaboração própria para o 4º número. Não a vi; diz o Tácito¹⁹ que é boa.

As provas de *Klaxon* devem ser entregues segunda-feira. Não houve espaço para publicar o teu artigo sobre a Guiomar Novaes.²⁰ Este número sairá como os outros só com as 16 páginas. Volta a perspectiva dolorosa de marcharmos mensalmente com os 25\$000. Nenhum dos cobradores conseguiu um anúncio. O próprio Guaraná Espumante não ficará mais honrado

-
11. Data atestada, observado o conteúdo da carta. Cartas de Luís Aranha a Mário de Andrade: 1922-1933. Sub-série "Correspondência passiva" da série "Correspondência Mário de Andrade". Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP.
 12. Primeira revista do movimento modernista paulistano. O nº 1 de *Klaxon* data de 15 de maio de 1922.
 13. Guilherme de Almeida (1890-1969), escritor modernista, integrante do grupo de *Klaxon*.
 14. Poema de Luís Aranha publicado em *Klaxon*, nº 4, São Paulo, 15 de agosto, 1922.
 15. Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) era integrante do grupo de *Klaxon* e cuidava da sua divulgação na cidade do Rio de Janeiro.
 16. Referência ao poeta Tácito de Almeida (1899-1940), irmão de Guilherme de Almeida, que publicava em *Klaxon* sob o pseudônimo de Carlos Alberto de Araújo.
 17. Escritor, político e jornalista português Antônio Ferro (1895-1959), colaborador de *Klaxon*.
 18. Sérgio Buarque de Holanda.
 19. Tácito de Almeida.
 20. Guiomar Novaes (1894-1979), pianista brasileira de renome internacional. Na carta, Luís Aranha informa a impossibilidade do artigo de Mário de Andrade, "Guiomar Novaes: II (A virtuose)", ser publicado no nº 3 de *Klaxon*, onde, afinal, por motivo desconhecido, acaba saindo.

em nossas páginas. O Zanotta retirou os anúncios que fazia a pretexto de que a revista não é lida dos comerciantes. Diz que é gastar inutilmente os 100\$ por mês. O segundo número tem saído regularmente, mas acho que de venda avulsa só poderemos tirar uns 50\$ mensais. A revista morrerá de inanição.

Recebi uma carta do Paulhan,²¹ secretário da *Nouvelle Revue Française*, dizendo que aceita o *échange* que lhes propusemos com a só condição de publicarmos mensalmente o sumário deles na nossa página anúncios. Falei com o Guilherme²² e vou responder afirmativamente. Também foi a única resposta que tivemos da Europa por enquanto. Outras virão mais tarde. Quem sabe?

O que esqueci dizer acima digo agora: Para nos auxiliar pecuniariamente, o pessoal de *Klaxon* propõe a edição, para breve, da tua conferência e da do Guilherme.²³ Fazes bem em ir corrigindo a tua. Talvez nos possa valer muito.

Com muitas saudades
e muito amigo
Luís Aranha

Carta [São Paulo, ant. 15 jul. 1922]; datiloscrito original, fita azul; papel branco, pautado, 2 folhas; 21,4 x 14,9 cm; borrões na folha 2. Data e local atestados pela referência à organização do nº 3 da revista paulistana *Klaxon*, publicada no dia citado. Transcrição com atualização ortográfica.

21. Jean Paulhan (1884-1968), secretário da *Nouvelle Revue Française* até 1925, quando assume a sua direção. A revista era lida pelos modernistas de São Paulo.

22. Guilherme de Almeida.

23. A conferência de Mário, feita nas escadarias do Teatro Municipal, na Semana de Arte Moderna, no intervalo, foi publicada como *A escrava que não é Isaura*, em 1925. Trata-se de uma poética modernista.

[illegible]

Cândido Mota, 7 de março de 1923.

Caro Mário

Não lhe escrevi até hoje porque no Correio desta cidade (?) não há selos. Só agora se me deparou este que vai na sobrecarta.

Mandei dia 27 um telegrama de solidariedade aos que homenagearam o Sérgio.²⁴ Foi endereçado a V. Não sei se recebeu. Vi o seu nome na lista dos telegramas retidos na Sorocabana. É com certeza o meu. Se valer a pena da prova V. vá buscá-lo. Se o Sérgio²⁵ já foi pode deixar lá.

Levo aqui uma vida estupenda um pouco perturbada pela chuva desses últimos dias que me prende em casa. Vingo-me dela lendo uma das maiores obras do gênio humano, *Leaves of grass*.²⁶ Não escrevi nada ainda. Não vale a pena. Vem ao caso lembrar a dedicatória que puseste no *Du monde entier*.²⁷ “Saiba você que na realização dos ideais vem às vezes um lusco-fusco talvez um crepúsculo; tudo está em que venha depois uma noite estrelada de luar”... Cito de memória. Talvez haja alteração na frase. O de que me lembro bem é que V. achou a dedicatória perfeitamente Mallarmeana.²⁸ Eu, creio, descobri-lhe o sentido. Respondo-te com uma frase de Gide:²⁹ “Parce que ma bouche se tait, pensez-vous que mon coeur repose?” (*Les nourritures terrestres* pg. 130 ou 132).

24. Referência a Sérgio Milliet (1898-1966) que estava de partida para Paris, onde permaneceu dois anos.

25. Idem.

26. Whitman, Walt. *Leaves of grass*, poeta norte-americano considerado um mestre pela vanguarda internacional.

27. Cendrars, Blaise. *Du monde entier. Au coeur du monde*.

28. Expressão utilizada como referência ao poeta francês Stéphane Mallarmé.

29. Gide, André. *Les nourritures terrestres*.

Que novidades há por aí? Não quero novidades de jornais: não me interessam. Prefiro novidades do “grupo”³⁰ de *Klaxon*, e principalmente suas. V. escreve? V. faz blagues? V. ensina? V. pontifica? Recebeu V. alguma coisa?

Se V. souber alguma coisa escreva-me. Eu aqui não posso inventar nada. Minhas aventuras procuro escrevê-las nos *Poemas do Rio Macuco* que planejo. Este Macuco é um rio que explorei das cabeceiras até a foz quando ele se lança no Paranapanema. Se as maleitas deste último rio não me matarem talvez venham à luz os *Poemas do Rio Macuco* e V. terá ainda por muito tempo um amigo que o abraça

Luís Aranha

Carta datada de Cândido Mota, 07 mar. 1923; autógrafo a tinta preta; papel branco, pautado; 2 folhas; 27,5 x 21,1 cm; 2 furos; marca de grampo. Transcrição com atualização ortográfica.

30. Luís Aranha fala do “grupo” de *Klaxon* referindo-se aos modernistas que conduziam a revista: Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Luís Aranha, Carlos Alberto de Araújo (Tácito de Almeida), Antônio Carlos Couto de Barros, Menotti del Picchia, Sérgio Buarque de Holanda, Durval Marcondes, Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes e outros.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Mário de. "Luís Aranha ou a poesia preparatoriana". In *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora, 1974.
- ANDRADE, Oswald de. "O esforço intelectual do Brasil contemporâneo". In BATISTA, Marta Rossetti et al. (Org). *Brasil: 1º tempo modernista – 1917/29*. São Paulo: IEB, 1972, p. 208-16.
- ARANHA, Luís. *Cocktails: Poemas*. Ed. anotada de Nelson Ascher e Rui Moreira Leite. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. Cartas a Mário de Andrade: 1922-1933. Sub-série Correspondência passiva da série Correspondência Mário de Andrade. Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP.
- _____. "Aeroplano", "Paulicéia desvairada", "Crepúsculo", "Projetos". *Klaxon*, nº 2, 4, 6, 8-9. São Paulo, jun., ago., out. 1922; dez. 1922-jan. 1923.
- _____. *Drogaria de ether e de sombra, Poema Pythagoras, Poema giratorio, Cocktail, Telegramma, Poema pneumático, Minha amada, Vigília, As patas dos cavallos, O trem, O tunnel, A ponte, O vento, Os amores do vento, Tico-tico, Nocturno, Canção das nevôas, Vagalume, Estellario, Epigramma á lúia, Passeio, Canção de um louco*. Documentos na série "Manuscritos de vários escritores". Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP.
- BANDEIRA, Manuel (Org). *Antologia dos poetas brasileiros bissextos*. Rio de Janeiro. Zélio Valverde, 1946.
- BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro: Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Saraiva, 1958.
- _____. "O alegre combate de *Klaxon*". In *Klaxon: Mensário de Arte Moderna*. Ed. fac-similar. São Paulo: Martins/Secretaria de Estado de Cultura, Esportes e Turismo/Conselho Estadual de Cultura, 1972.
- _____. (Org). *Poetas paulistas da Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Martins, 1972.
- KLAXON: *Mensário de Arte Moderna*. São Paulo, 1922-23. Ed. cit.
- LARA, Cecília de. *Klaxon & Terra roxa e outras terras: Dois periódicos modernistas de São Paulo*. São Paulo: IEB, 1972.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. "Tácito tempo de passagem". In ALMEIDA, Tácito. *Túnel e poemas modernistas*. Estabelecimento de texto e estudo por T. P. Ancona Lopez. São Paulo: Art Editora, 1987, p. 7-35.
- MILLIET, Serge. "Vida literária: as letras brasileiras. A poesia moderna no Brasil". Tradução de Silvia Puertas de Araújo. In: *D. O. Leitura*, ano 17, nº 1, São Paulo, maio 1999, p. 39-48. (Traduzido de "La vie littéraire: Les lettres brésiliennes. La poésie moderne au Brésil". In *Révue de l'Amérique Latine*, nº 24. Paris, dezembro, 1923, documento na série Matéria extraída de periódicos do Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).